

7. Conclusão

A trajetória do presente trabalho partiu do fato de que temos um corpo e necessitamos irremediavelmente de alguém que nos ampare, ao nascer, e garanta a sobrevivência desse corpo. O vínculo inicial com quem frequentemente chamamos de mãe se estabelece de forma visceral, em uma relação de mutualidade corpo a corpo, marcando assim os primórdios de nossa história relacional. A solidão primordial na qual o bebê, ao nascer, se acha inserido é atenuada pelos encontros, ou reencontros vitais, com o conhecido corpo materno. Os órgãos dos sentidos abrem o corpo do bebê gradativamente ao conhecimento do mundo e da infinidade de significados possíveis, sem falar dos sentimentos e afetos provenientes de sensações internas advindas do próprio corpo. Se não fosse este alguém a quem podemos chamar de mãe, cuja sensibilidade normalmente chega perto da perfeição, nosso corpo seria invadido por uma quantidade de estímulos insuportável, o que nos levaria a um caos inimaginável. A mãe possibilita que nosso corpo tenha um contato mais tênue com o mundo, em doses homeopáticas, filtrando os excessos que ainda não somos capazes de conter ou elaborar.

A mãe que Winnicott chama de mãe suficientemente boa surge no momento em que o corpo do bebê se faz presente, no momento em que o acolhe no colo, abraçando-o e tocando seu corpo com emoção. A mãe suficientemente boa adaptada às necessidades do bebê o faz reexperimentar a plenitude vivida no interior do corpo materno, até gradativamente ele ser capaz de perceber o mundo como algo diferente de si e experimentar as frustrações inevitáveis da vida. O processo de vir a ser, de tomar consciência de si e do mundo, constitui um fenômeno complexo, realizado através das trocas intersubjetivas e das tendências inatas do indivíduo.

Este trabalho pretendeu abarcar o papel preponderante do corpo na constituição do psiquismo, enfatizando principalmente as experiências de troca com outro corpo. Além de Freud e Winnicott, vários outros autores contribuíram para a elaboração de um eixo teórico capaz de sustentar e retomar o valor das experiências corporais no processo de vir a ser um sujeito.

Ao longo do trabalho, a ideia de que o nascimento do corpo biológico e o do corpo psíquico não coincidem foi sedimentada pelas contribuições de Mahler e Montagu. A partir daí, foi pensado como as experiências com o próprio corpo biológico contribuem para a formação de um corpo psíquico. A primeira tomada de consciência surge, assim como nos afirma Tustin, a partir da consciência da separação física da mãe. Segundo esse ponto de vista é no corpo, no físico, que a consciência se origina. Esta tomada de consciência de que existem dois e não um deve acontecer de forma gradativa, para que não ocorra uma separação traumática com resultados catastróficos para o desenvolvimento do bebê. É preciso que haja uma oscilação, segundo Fontes (2006), “entre uma ilusão de continuidade física e uma quebra da continuidade corporal” (p.28). Já, no curso normal do desenvolvimento, as sensações vão dar origem a percepções e cognições. Com base na obra de Tustin, Fontes (2002) escreve:

“as sensações são as raízes do psiquismo. É uma teoria do pensamento e da maturação do psiquismo. Partindo das sensações corporais até alcançar o nível dos pensamentos e dos conceitos abstratos, o indivíduo se desenvolve a partir das sensações corporais; e das transformações dessas sensações corporais em conceitos, idéias e pensamentos” (Fontes, 2002, p. 75)

Julia Kristeva, uma psicanalista francesa que não foi utilizada ao longo deste trabalho por falta de tempo e pela escassez de livros traduzidos para o português, merece ser mencionada, neste momento final, para falar do sujeito contemporâneo e das novas doenças da alma, resultantes da formação de um eu-pele frágil e inconsistente. A alma pensada como aparelho psíquico é fundamentada na biologia pela pulsão; ela se baseia no funcionamento do corpo, mas depende também de lógicas autônomas. A psicanálise costuma priorizar a vida do ser falante, explorando assim sua vida psíquica, que envolve sistemas de representações e lhe dá acesso ao corpo e aos outros. Segundo Kristeva (1993), nunca na história os efeitos e o valor das representações significantes foram tão reconhecidos e usados com tanta precisão. “Com Freud, a psique vive uma vida nova: enriquecida pela pluralidade judaica das interpretações, a alma sai multiplicada, polifônica, para melhor servir à transubstanciação do corpo vivo” (Kristeva, 1993, p.12).

Em contrapartida, Kristeva (1993) constata que a experiência cotidiana aponta para uma redução da vida interior. A pressão do estresse, a lei do consumo – que leva à vontade de ganhar, gastar e desfrutar, evidencia pessoas que economizam as representações de sua experiência, ou seja, da vida psíquica. O ato e o abandono do ato substituem a interpretação do sentido. O homem moderno é narcisista e seu sofrimento se prende ao corpo. Ele somatiza. O corpo dele age, se manifesta, representa seu sofrimento, ao invés de ser representado em palavras. Segundo Kristeva (1993), este é o retrato do homem contemporâneo:

“Umbilicado sobre seu quanto-a-mim, o homem moderno é um narcisista, talvez cruel, mas sem remorso. O sofrimento o prende ao corpo – ele somatiza. Quando se queixa, é para comprazer-se na queixa, que ele deseja sem saída. Se não está deprimido, empolga-se com objetos menores e desvalorizados, num prazer perverso que não conhece satisfação. Habitante de um espaço e de um tempo retalhados e acelerados, tem, com frequência, dificuldade de reconhecer em si mesmo uma fisionomia. Sem identidade sexual, subjetiva ou moral, este anfíbio é um ser de fronteira, um borderline ou um falso self. Um corpo que age, na maioria das vezes, mesmo sem a alegria da embriaguez performática. O homem moderno está perdendo sua alma” (Kristeva, 1993, p.14).

A sociedade cria recursos para lidar com tal situação, através de remédios cada vez mais avançados que oferecem alívio à insônia, a certas angústias, a certos acessos psicóticos e certas depressões. As pessoas se apóiam em próteses psíquicas, em envelopes artificiais de continência que funcionam como um objeto autista com o intuito de atenuar a ameaça do não existir, como, por exemplo, o cultivo de músculos excessivos e o uso de drogas. Outra saída apontada por Kristeva (1993), quando não se está sob o efeito de remédios ou apoiado em próteses psíquicas, são as imagens oferecidas pela mídia, que têm o poder de captar as angústias e os desejos, e assim controlar sua intensidade e suspender seus sentidos. “A vida psíquica do homem moderno situa-se entre os sintomas somáticos (doença, hospital) e a transformação dos desejos em imagens (devaneio diante da televisão)” (Kristeva, 1993, p15). Esses novos pacientes buscam análise geralmente por sintomas relacionados à dificuldade de se relacionar, problemas sexuais, sintomas somáticos, impossibilidade de expressar-se, e a sensação de possuir uma linguagem artificial, vazia ou robotizada. Eles trazem em comum uma dificuldade de simbolizar, ou seja, de representar. Segundo Kristeva (1993), essa dificuldade pode tomar a forma de mutismo psíquico ou de diversos sinais

sentidos como vazios ou existência artificial, que vão ter consequência na vida sensorial, sexual, intelectual e podem até prejudicar o próprio funcionamento biológico. O pedido ao psicanalista é, portanto, a restauração da vida psíquica para permitir que o corpo falante tenha uma vida melhor. Trata-se, na verdade, de uma nova tentativa de se estabelecer um eu-pele consistente capaz de conter seus conteúdos psíquicos, sem precisar se agarrar a próteses ou a experiências sensoriais concretas.

Kristeva (1993) chama de “simbólico” a capacidade de se comunicar segundo as regras lógicas e gramaticais da interlocução, enquanto que o imaginário refere-se às representações que surgem, de acordo com o processo primário de deslocamento e condensação, derivadas de identificações, introjeção e projeção que mobilizam a imagem do corpo, do eu e do outro. “O imaginário é, sem dúvida, dependente da fase do espelho. Ele constitui a imagem própria do sujeito em formação” (Kristeva, 1993, p.113). O imaginário está mais próximo dos representantes pulsionais e é um meio de acesso ao simbólico ou à significação linguística, pelo menos no que se refere às representações afetivas arcaicas. Kristeva (1993) faz, portanto, uma distinção entre o sentido pulsional e afetivo presente no imaginário, organizado pelos processos primários e derivados de vetores sensoriais, como som, melodia, ritmo, cor, odor, e a significação linguística organizada pelos signos linguísticos e pelas regras lógicas e gramaticais. Contudo, o nível linguístico precisa de certas condições biológicas e psíquicas para advir. Essas condições parecem não ser inatas para certas crianças ou são prejudicadas por experiências ocorridas no curso do desenvolvimento, o que podemos agora presumir que sejam falhas na constituição do eu-corporal ou eu-pele, que é indispensável para a capacidade de simbolização. Isso significa que certas crianças têm dificuldade de acesso ao simbólico, ou seja, de ter acesso à significação, mas seu acesso ao sentido é, pelo contrário, preservado e acentuado. Trata-se na verdade de uma criança com sentido, mas sem significação, por ter ficado presa em um período do desenvolvimento no qual era essa a primazia fundamental. A precondição psíquica para o sujeito da enunciação surgir é uma economia imaginária; em outras palavras, ele precisa, gradativamente, com o desenvolvimento, abrir mão da preponderância da elaboração através das sensações concretas, para poder ter uma realização simbólica.

No entanto, assim como vimos ao longo deste trabalho, para isso ocorrer é preciso que o sujeito tenha passado por uma série de experiências sensoriais que contribuam para a constituição do eu-corporal ou eu-pele consistente, que traz a sensação de que o corpo, a pele, é capaz de conter, de segurar seus líquidos e alimentos, o que possibilita, por analogia, a sensação de segurança de que o psíquico também é capaz de conter seus conteúdos, sem precisar se agarrar a sensações concretas. Essas experiências permitem o nascimento psíquico, o reconhecimento da distinção entre o eu e não-eu. Permitem que o sujeito emerja da dimensão só das sensações e consiga conter seus conteúdos psíquicos e seja possuidor de um mundo interno.

“A sensorialidade ganha uma nova importância quando admitimos que para adquirir uma capacidade real de representação o indivíduo precisa integrar-se corporalmente. Somente a partir de uma discriminação eu não-eu, onde o sujeito, sentindo-se envelopado, tem suas fronteiras melhor definidas, há uma simbolização possível. Para uma relação de objeto ter lugar há que existir um eu que se relaciona com objeto” (Fontes, 2006, p.32).

Tecendo estas considerações finais, reafirmo a importância das experiências corporais para a constituição do psíquico, daquilo que nos tornamos, do que pensamos sobre nós mesmos e sobre o mundo. Assim como da influência do sensorial na origem das patologias contemporâneas e, conseqüentemente, no tratamento psicanalítico.